

## COLUNA

### Relatos Negros

Nayara Melo

#### Descendência

*Nota: Diante das últimas semanas, retornei a casa de meus parentes para não passar a quarentena só. A cozinha, tem se tornado um lugar de encontro, do café no final da tarde, das conversas com minha vó e minha mãe.*



**E**nquanto pessoas negras, o direito à memória nos foi retirado, temos histórias perdidas, sobrenomes que não são propriamente nossos, mas dos antigos proprietários. Minha família, como tantas outras, miscigenada, cheia de fios que não conseguimos ligar. Sobre como meu bisavô, do qual só ouço histórias, era alvo com olhos super azuis e quando nasce algum descendente com os seus olhos, sabem apontar: “Os olhos de Pedro”. Mas não se aponta os diversos olhos negros que estão estampados nos diversos rostos.

Árvore genealógica é privilégio. Registro de imigração também é privilégio. Consigo contar minha história até meus bisavós, mas não sei o que ocorreu antes. Não sei com quem os sobrenomes portugueses começaram a serem estampados nas certidões de nascimento. Ou quem foi o primeiro liberto de nós.

Em que região da mata norte se instalou e sobre a dificuldade que foi essa instalação. Tenho relatos gerais, relatos de pessoas que não conheço que não sei sobre seu parentesco, ao longo dos tempos, nossos nomes retirados, temos as histórias dos “libertos”, mas não os conhecemos.

Escutei uma vez sobre como havia um parente distante que era índio, mas não se sabe de onde, ou de que tribo. Falaram-me sobre como sua pele era escura e sem marcas, firme, e como seus olhos denunciavam ser de linhagem indígena. Escutei sobre outro bisavó que era de matriz africana e por esse fato, entre outros, não convivi com ele.

### *A história que nos foi retirada.*

Hoje conseguimos escrever, fazer mais pontes, mas a lacuna de tantas perguntas aparentemente impossíveis de serem respondidas, continuam presentes em nosso peito. Por que não querem que saibamos a quem pertence nossos olhos?

Construir uma memória também é cheio de dor. Pois, eu e você sabemos bem, que em um momento não continuaremos o fio, que os registros foram desnecessários para quem tinha a voz da história naquele tempo. Nossos nomes reais, nossa linhagem, nossos relatos negros de descendência e de povo. Vi os olhos de minha vó, negra, de cabelos crespos, mas seus olhos indígenas me mostram que meus olhos não são dela. Nossos ‘olhos d’água’ como evoca Conceição Evaristo, olham para o futuro pois não conseguimos ver a personalidade do passado.

Os fios de nossa história, os conhecidos e os desconhecidos, nos sustentam para contar aos nossos filhos sobre as nossas histórias. Sobre os caminhos que trilhamos, nossos relatos de jornada, de glória e de dor, de choro e conquista, a ancestralidade também é formada em nós.



### **Nayara Melo**

"Pernambucana, Mulher Negra cursando Odontologia (UFPE), com fortes tendências para Ciências Humanas e fazendo escapes para a escrita, fotografia e a fé, para não sucumbir na rotina"